

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

O SILÊNCIO NA ABORDAGEM PSICANALÍTICA¹

SILENCE IN THE PSYCHOANALYTIC APPROACH

Cristiane Eliete Olsson Bangemann², Maély Corcete Soares³, Tania Maria de Souza⁴

¹ Estudo realizado a partir das experiências de estágio de Psicologia e Processos Clínicos da UNIJUI

² Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIJUI

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da UNIJUI

⁴ Professora do Curso de Psicologia da UNIJUI

INTRODUÇÃO

O fazer do profissional da Psicologia exige uma postura ética com o sujeito/paciente e com a linha teórica que segue. Assim, a prática e a teoria seguem de mãos dadas para a escuta qualificada realizada pelo psicólogo, que por vezes se articula com o silêncio. Nesse sentido, o silêncio possibilita formas diferentes de ser trabalhado, tanto no âmbito clínico como em um grupo terapêutico.

O objetivo deste artigo é refletir sobre os tipos de silêncios identificados através da teoria psicanalítica, assim como, pensar a importância do manejo terapêutico desses silêncios.

METODOLOGIA

O presente estudo se desenvolveu a partir de observações e escuta realizados no estágio de Psicologia e Processos Clínicos da UNIJUI, no período de março a julho de 2020. As reflexões foram feitas ancoradas na abordagem teórica psicanalítica, a partir de materiais retirado de bancos de dados cientificamente confiáveis, produções bibliográficas impressas, interpondo com situações de estágio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atualmente, o silêncio é compreendido pela psicanálise como uma forma de comunicação entre duas pessoas ou dentro de grupos terapêuticos. Deste modo, o silêncio faz função quando é interpretado e respeitado em seus momentos. De acordo com Rita Marta (2005), o silêncio sempre tem sentido, seja no individual ou coletivo.

Conforme Kegler e Sander (2018), uma importante evolução a respeito do silêncio na clínica psicanalítica, se refere em encará-lo, não como unicamente um fenômeno de resistência, mas como um recurso de manejo clínico. Ao citar Zimmermann, os autores pontuam:

A comunicação no setting não está mais baseada exclusivamente em relatos verbais por parte do paciente. Diante disso, pode-se dizer que uma das principais transformações da Psicanálise na atualidade está relacionada à comunicação, já que hoje a linguagem não verbal e os silêncios são incluídos no trabalho psicanalítico. Assim, a associação livre não se configura como a única forma de ter acesso aos conteúdos inconscientes do paciente. (KEGLER; SANDER, 2018, p.123).

Nesse sentido, pode-se observar o valor que o silêncio possui, como meio de comunicação passível



Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

de interpretação. Ainda segundo Kegler e Sander (2018), no contexto histórico psicanalítico, o que anteriormente era entendido como uma afronta ao acordo feito com o terapeuta, passa a ser entendido como manifestação de conteúdo sob ação do recalque e censura, e por este motivo tornam-se mudos, instituindo os silêncios no setting terapêutico. É fundamental que o terapeuta tenha sensibilidade para compreender o que o silêncio deseja comunicar, assim como, que tipo de silêncio está se manifestando.

Nasio (2010), aponta o silêncio como elemento com diferentes significados em um setting terapêutico:

O silêncio está sempre presente numa sessão de análise, e seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma palavra efetivamente pronunciada. Silêncio do paciente ou do analista, silêncio crônico ou efêmero, silêncio de resistência ou de abertura do inconsciente, ele constitui um fato analítico de primeira importância no desenrolar de um tratamento e coloca aos clínicos um problema de técnica psicanalítica, tão antigo quanto o da regra da livre-associação (NASIO, 2010, p. 7).

Nessa perspectiva, podemos considerar que cada silêncio diz de uma possibilidade de escuta e manejo, visando sempre a maior eficácia do processo terapêutico. Cabe ao terapeuta, além de identificar o tipo de silêncio, ter destreza para manejá-lo de forma ética, em busca de compreensão. Pois segundo o autor, dentre todas as manifestações humanas, o silêncio manifesta de forma densa, compacta e pura, sem palavras ou ruídos, o próprio inconsciente.

No que se refere aos grupos terapêuticos, o silêncio também é elemento passível de interpretação e de grande importância. A dinâmica grupal permite identificar diferentes tipos de silêncios, cada um anunciando, ou denunciando um contexto grupal.

Conforme Castilho (2002), o silêncio é uma expressão que noticia muito mais que as palavras dentro de um grupo. Geralmente, ao iniciar o grupo, o silêncio é evitado, observando-se assim, que alguns integrantes se mostram mais falantes, estes, os que falam por todos, "preenche os espaços vazios".

O Psicólogo, enquanto facilitador, ao perceber os silêncios dentro do movimento do grupo terapêutico, deve não ignorar, pois "ignorá-lo é desconhecer os princípios básicos do trabalho com grupo; estar à vontade dentro dele ajudará o grupo a aliviar-se de grande parte da tensão ansiosa"(CASTILHO, 2002, p. 94).

Sendo assim, conhecer os diferentes tipos de silêncios é de suma importância para um trabalho grupal efetivo. Castilho (2002), trabalha dezoito tipos de silêncio, dentre os quais, apresentamos neste estudo três:

O Silêncio de Tensão, é a manifestação da ansiedade. Esse tipo de silêncio é de fácil observação, por meio da postura corporal que se contrai, pela inquietação com as mãos ou pés, as formas das expressões faciais dos participantes do grupo;

O Silêncio de Reflexão, se dá através de uma intervenção do Psicólogo ou uma atividade significativa que o grupo presenciou. Esse silêncio é vivenciado como uma parada do grupo para pensar e refletir determinado acontecimento, tornando-se muito produtivo, o que leva os integrantes a insights. Esse silêncio é quebrado por algum membro do próprio grupo, observando-se a ausência de tensão para

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

um espaço de elaboração; O Silêncio de Expectativa, mescla a tensão e a curiosidade. É o silêncio da espera, para ouvir o outro. Nessa expectativa de saber o que o outro tem a dizer ou acrescentar em um debate dentro do grupo, ou até mesmo o que o Psicólogo tem para pontuar sobre o trabalho do grupo. Nesse silêncio, a comunicação visual é bastante presente.

Desta forma, o profissional da psicologia deve entender e respeitar os silêncios, para proporcionar uma boa dinâmica grupal. Como mencionado anteriormente, há outros tipos de silêncios, e cada grupo terapêutico têm suas características e construções, bem como o sujeito na clínica.

CONCLUSÃO

Diante das reflexões aqui realizadas, podemos concluir que, o silêncio exprime aquilo que emerge do próprio inconsciente, não se trata de uma falta de comunicação, ou inexistência de trabalho, mas sim de uma forma de comunicação passível de interpretação e manejo. Em um momento de silêncio, o sujeito pode trabalhar algum conteúdo inconsciente, ou elaborar alguma intervenção realizada pelo terapeuta, possibilitando seu manejo. Pode-se ainda dizer que há silêncios e não silêncio, uma vez que, diferentes tipos de silêncios podem ser identificados, cada um com diferentes finalidades e possibilidades de manejo.

Tanto no setting terapêutico como em grupos terapêuticos, o silêncio é elemento valoroso que contribui para a identificação de diferentes situações, e traduzem o que não é posto em palavras.

Palavras-Chave: Silêncio; Psicanálise; Grupos; clínica

Key words: Silence; Psychoanalysis; Groups; clinic

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Áurea. 2002. A dinâmica do trabalho de grupo. Rio de Janeiro: Qualitymark.

KEGLER, Paula; SANDER, Gabrielle Krupp. 2018. O silêncio em palavras mudas e ausentes: uma escuta psicanalítica. Contextos Clínicos. Taquara, vol. 11, n. 1, Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2018.111.10>> Acesso em : 15 jul. 2020.

MARTA, Rita. O silêncio na comunicação ou a comunicação pelo silêncio: o silêncio na psicanálise. Portugal, vol 2. n° 2, dez, 2005. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/6052>> Acesso em: 14 jul. 2020.

NASIO, J.D. 2010. O silêncio na Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Parecer CEUA: 4338191018

Parecer CEUA: 1.850.054?2016